

Refinando o Leilão de Cheleme

por Álvaro Chaves Rosa

1. Introdução.

Em artigo anterior (“*Depois do Blackwood*”) foi feita a abordagem de algumas questões essenciais em torno da convenção Blackwood (BW), com particular ênfase no desenvolvimento do leilão posteriormente à utilização da mesma. O objectivo do presente artigo é, por um lado, aprofundar essa temática, mas também apresentar algumas ideias mais gerais sobre o leilão de cheleme.

Continuaremos a restringir-nos às sequências de cheleme *com trunfo já estabelecido*, e vamos assumir como fazendo parte do sistema o seguinte conjunto de interrogativas e respostas:

Interrogativas	Respostas
BW a 5 chaves	30 - 41 - 2 sem dama - 2 com dama
Pergunta de dama de trunfo (no 1º nível livre, e apenas se a mesma não foi já esclarecida)	nível de paragem mais próximo: sem dama; outros níveis: com dama, resposta a reis exteriores
Pergunta de reis exteriores (no 2º nível livre, ou no 1º se a dama já foi esclarecida)	respostas <i>específicas</i> (se possível)

Relativamente à pergunta de reis exteriores, é desejável dispor de um esquema de respostas específicas (conforme sugerido no referido artigo), mas se não for esse o caso contentar-nos-emos com respostas *quantitativas* (0 ou 3 - 1 - 2).

2. Quando ocultar a dama de trunfo.

O esquema de respostas ao BW requer um pequeno ajustamento no caso de o trunfo ser copas. Um tipo de desastre frequente é o do seguinte exemplo: com ♠RDVxx ♥10xx ♦ARVx ♣x, ouvimos o parceiro abrir 1♥ e, sobre a nossa voz de 1♠, remarcar 3♥. A catástrofe ocorre quando usamos o BW em 4ST e ouvimos 5♠ a mostrar “2 com dama”: dá-se o caso de já termos passado 5 no trunfo e faltarem duas cartas chave. (O parceiro tem ♠xx ♥ARDVxx ♦Dx ♣RDx, não pode ser acusado de *overbid*).

A solução é, neste caso específico, *não esclarecer imediatamente a dama* quando se tem 2 chaves, passando a resposta de 5♥ a significar meramente “2 chaves”. Se o parceiro quiser perguntar por ela pode utilizar a voz subsequente de 5♠, em resposta à qual o mais razoável é utilizar como negativa a voz de 5ST (permitindo ainda ao parceiro *passar*), isto é, equiparar às situações de trunfo em naipe menor, em que 5ST é sempre considerado *nível de paragem*. (Diga-se de passagem que o mesmo se aplica à interrogativa de dama em 5♠ quando a resposta ao BW tiver sido 5♦ = 1 chave).

3. Respostas com chicana.

Quando estamos a responder a um BW e temos uma chicana (ainda não anunciada), existem vozes já perfeitamente clássicas para mostrar a mesma juntamente com o número de chaves, e que são: **5ST** = 2 chaves e uma chicana (*não especificada*); **6 em naipe abaixo do trunfo** = 1 chave e chicana *desse naipe*; **6 no trunfo** = 1 chave e chicana em *naipe acima do trunfo*. (Este esquema pressupõe que com zero chaves não se mostra chicana, e que o caso de 3 chaves com uma chicana é probabilisticamente desprezável).

O mais importante no que toca à utilização destas vozes é avaliar a utilidade efectiva da chicana (o que nem sempre é fácil), já que a decisão coloca irreversivelmente o leilão ao nível do cheleme. Em caso de dúvida, o respondente pode e deve abster-se de anunciar a chicana. Para além disso, nos casos em que o naipe da mesma não é explicitamente anunciado (caso das respostas em 5ST, ou em 6 no trunfo menor), deve também ser ponderado se o parceiro saberá diagnosticar correctamente qual é esse naipe (o que pode ser fundamental para uma investigação de grande cheleme).

Sobre uma voz a mostrar chicana, se ainda houver um ou mais níveis livres abaixo de 6 no trunfo, os mesmos devem na mesma ser utilizáveis como interrogativas normais de dama de trunfo / reis

exteriores, embora nestes casos a questão já não esteja na marcação ou não do cheleme, mas sim na do grande cheleme (ou, mais raramente, de 6ST...).

(Uma pequena nota: no caso, analisado em 2, do BW com trunfo copas, o facto de se adoptar apenas 3 respostas “normais” liberta a voz de 5♠ para mostrar 1 chave com *chicana a espadas*, mais economicamente do que em 6♥, que seria a resposta clássica).

4. Interrogativas em naipes laterais.

4.1. Vozes livres abaixo do nível de cheleme.

Vamos supor, após o estabelecimento do trunfo ♠, uma sequência de BW como esta: 4ST - 5♣ (0-3 chaves) - 5♦ (dama?) - 5♥ (dama de trunfo e 0-3 reis exteriores). Se o jogador que está ao comando do leilão já não tem dúvidas sobre o contrato final, marca-o sem mais delongas. Mas, se mantém aspirações ao grande cheleme ou à marcação do cheleme em sem trunfo, o facto é que, por as respostas terem sido muito económicas, há um conjunto de vozes disponíveis ainda como interrogativas abaixo de 6 no trunfo: de 5ST até 6♥. Nem sempre o leilão decorre tão favoravelmente, mas a verdade é que é muito frequente haver *uma ou mais* vozes livres abaixo da marcação do cheleme, cuja utilidade como vozes naturais é praticamente nula, e que portanto devem ser melhor aproveitadas para algum tipo de investigação.

Ter presente, no entanto, que muitas vezes uma voz ao nível 6 em naipe lateral pode constituir uma *sugestão de contrato alternativo*. Isso acontece automaticamente se o leilão tiver mostrado a existência de *duplo fit*: após um começo do tipo 1♠-2♦-3♦-3♠, a continuação para cheleme deve assumir o trunfo *espadas*; no entanto, se surgir às tantas a voz de 6♦, ninguém tem a menor dúvida de que se trata de uma voz natural, não forcing, sugerindo jogar o cheleme em ♦. Se não tiver havido estabelecimento de um duplo fit, sugiro, como regra, que se considere como sugestão de contrato uma marcação de 6 em naipe não apoiado *apenas quando um dos jogadores tiver anunciado 6 ou mais cartas do mesmo*. (Outras regras são obviamente possíveis; o importante é ter estabelecida *alguma regra* no seio do par).

As vozes *efectivamente livres* devem ser utilizadas como *interrogativas específicas em naipes laterais*. Após o esclarecimento da presença de todas as cartas chave para a marcação do pequeno cheleme, a investigação do grande cheleme não pode basear-se numa contagem “a peso” de honras menores. O jogador que detém o capitonato do leilão é que sabe *quais* as damas e valetes que interessam (já para não falar dos próprios reis...), ou até mesmo quais os *doubletons* que interessam. É de toda a lógica que ele disponha de perguntas direccionadas especificamente para os naipes *importantes*.

4.2. Interrogativas de controle à terceira.

Para simplificar, comecemos por considerar que o jogador já sabe da presença das cinco chaves *e* da dama de trunfo, e além disso já sabe *quantos e quais reis exteriores* o parceiro possui. Neste caso, aquilo que pode interessar perguntar, relativamente a um naipe lateral específico, é se o parceiro possui a *dama* ou um *doubleton* nesse naipe. Dito de outro modo, a interrogativa é sobre um hipotético *controle à terceira*.

Um ponto importante é estabelecer *em que vozes é que são feitas estas interrogativas*. Por uma questão de facilitação, poderíamos pensar que elas fossem “naturais”, i.e., 6♣ é pergunta a ♣, e assim por diante. Mas é fácil concluir que uma tal solução não é a mais vantajosa. Em primeiro lugar, porque a voz de 5ST - quando não constitui *voz de paragem* - pode e deve ser utilizada como uma destas interrogativas. E em segundo lugar, porque pode haver algum naipe em relação ao qual o leilão prévio já tenha tornado desnecessária a existência de interrogativa - estou a pensar nomeadamente no caso de ter sido feito um *splinter*. Mas então, se as interrogativas em naipe lateral não são “naturais”, há simplesmente que definir uma ordenação dos naipes laterais, que pode ser a ordem *natural* (de ♣ até ♠, e excluindo obviamente o naipe de trunfo), e considerar que as interrogativas são feitas *por níveis* segundo essa ordem.

O esquema de respostas a adoptar deverá permitir distinguir o *tipo de controle à terceira* (quando existente). Nesta perspectiva, pode utilizar-se:

Respostas a interrogativa de controle à terceira

1º nível = sem controle à terceira

2º nível = a dama

3º nível = doubleton

(Em rigor, o esquema deveria depender do número de níveis de resposta disponíveis até 6 no trunfo, mas deixemos de lado esse aspecto).

Após a resposta a uma destas interrogativas, *se* ainda continuar a haver níveis livres abaixo de seis no trunfo, nada impede que os mesmos sejam utilizados para interrogativas nos naipes restantes (pela mesma ordem, e com o mesmo esquema de respostas). (Claro que, em sequências de BW iniciadas em 4ST, será raríssimo ter-se direito a um luxo desses).

Poder-se-ia perguntar se, por coerência com o esquema de respostas à dama de trunfo, não deveria a voz negativa (que neste caso é “sem controle à terceira”) ser dada no *nível de paragem* seguinte (seis no trunfo). A resposta é *não*. Isto porque, se é verdade que a presença ou ausência da dama de trunfo é determinante para o nível do contrato final, o mesmo não se aplica de igual forma ao teor num naipe lateral determinado. Isto é, o jogador pode começar por interrogar num naipe seleccionado, mas, apesar de uma resposta negativa, ter ainda outro “cavalo” para apostar. Assim sendo, é vantajoso preservar ao máximo (dentro dos escassos recursos disponíveis) o espaço para hipotéticas interrogativas subsequentes.

4.3. Interrogativas de controle à segunda ou à terceira.

Em certos casos pode haver interesse em fazer interrogativa directa num naipe *sem que o rei desse naipe tenha sido já esclarecido*. É o caso quando se tenha decidido usar um esquema *quantitativo* de resposta a reis exteriores, em que pode haver interesse em fazer interrogativa num naipe lateral sem que a posse do rei do mesmo esteja esclarecida (mesmo após a pergunta de reis).

Por outro lado, pode ocorrer que o jogador ao comando do leilão apenas esteja interessado no teor de um determinado naipe lateral, e não queira estar a perder tempo (ou melhor, a perder *espaço*) com uma pergunta de reis exteriores. Neste caso, ele pode *saltar* por cima dos níveis de pergunta de dama de trunfo e de reis exteriores e colocar *directamente* a interrogativa no naipe que lhe interessa.

Em qualquer destas situações, o esquema de respostas anteriormente apresentado deve ser aumentado com respostas possíveis de *controle à segunda* (a partir do 4º nível):

Respostas a interrogativa de controle à segunda ou à terceira

1º a 3º níveis: como no esquema anterior

4º nível = o rei

5º nível = singleton

6º nível (eventualmente) = o rei e a dama

4.4. Alguns pontos importantes.

Sobre esta temática haveria muitos aspectos importantes a abordar. Por limitações de espaço, saliento apenas alguns tópicos fundamentais:

- Apenas estão disponíveis como interrogativas as vozes abaixo de seis no trunfo *que não sejam níveis de paragem* (o que exclui 5ST quando o trunfo é menor *ou* no caso analisado em 2) nem constituam sugestões *lógicas* de contrato de cheleme alternativo (o naipe de um duplo fit *anunciado*, ou um naipe em que, mesmo sem ter havido apoio, um dos jogadores tenha mostrado seis ou mais cartas).
- Não interessa considerar interrogativa num naipe cujo teor tenha sido *totalmente* esclarecido pelo leilão prévio, como é o caso de um naipe em que o parceiro fez um *splinter*. Isto significa, em particular, que não é reservado nenhum nível para a interrogativa nesse naipe, ficando o espaço aproveitado para os restantes.

- Só deve ser feita uma interrogativa em naipe lateral *quando o espaço de resposta não colocar o leilão alto demais*. Suponhamos que, com trunfo copas, o leilão se encontra ao nível de 5ST após uma resposta a reis exteriores. Estão disponíveis as vozes de 6♣ e de 6♦ como interrogativas respectivamente a ♣ e a ♦ (se foi adoptada a ordem *natural*, como atrás se supôs). Sobre 6♣, por exemplo, as respostas possíveis do parceiro serão: 6♦ = sem controle à terceira a ♣; 6♥ = a dama de ♣, 6♠ = doubleton a ♣. Esta última hipótese já ultrapassa seis no trunfo, pelo que a interrogativa só deverá ter sido utilizada se o conhecimento do doubleton for suficiente para marcar o grande cheleme (ou então se se tiver como salvaguarda - o que não é raro - a hipótese de “desistir” em 6ST). Idênticas considerações se aplicariam sobre a interrogativa em 6♦, mas agora com a particularidade de qualquer resposta *positiva* ser feita acima do nível do pequeno cheleme.

5. Blackwood de exclusão.

Apesar da possibilidade de “mostrar chicana”, conforme analisado em 3, a verdade é que, num sistema de marcação clássico, chicanas e Blackwood *convivem mal*. O problema é notório não tanto nas “zonas de falha” do esquema apresentado (ou de qualquer variante menos clássica), mas principalmente nas situações em que o detentor da chicana é o “infeliz” a quem incumbe a missão de comandar o leilão de cheleme. Muitos dos que me lêem já terão certamente presenciado (ou sido protagonistas de...) chelemes desastrosamente marcados ou falhados após um BW colocado por uma mão com chicana, que não pôde saber se os ases do parceiro eram todos “bons”, ou se um deles, numa lastimável duplicação, era precisamente o do naipe da chicana. Noutras ocasiões, aquilo a que ocorre à mesa é o jogador com a chicana tentar, mais ou menos desesperadamente, transferir o *capitanato* do leilão para o parceiro, continuando a anunciar *cue-bids* de controle, que geralmente projectam o leilão pelo nível 5 acima com irrecuperável perda de precisão, culminando geralmente numa marcação feita, não direi “no escuro”, mas pelo menos com alguma neblina.

A solução para este problema é o chamado *Blackwood de exclusão* (BWE). Podemos defini-lo sumariamente como uma voz dada a nível elevado num naipe lateral, mostrando uma *chicana* desse naipe e pedindo ao parceiro que responda a ases (ou melhor, a chaves) *sem contar com o eventual ás do referido naipe*. Isto é, o parceiro responde como habitualmente ao BW (em 30-41, e contando o rei de trunfo na mesma como uma das *chaves*), mas *não conta o ás da chicana anunciada pelo parceiro*.

À primeira vista, esta “ideia das arábias” pode parecer maravilhosa na sua simplicidade. O óbice está em definir quando é que uma voz em naipe lateral “a nível elevado” pode ser, sem perigo de confusão, usada para tal fim. Não há risco de confundi-la com um mero anúncio de controle? Ou com um *splinter*?

A questão está em fixar uma regra. Como primeira abordagem, sugiro que se adopte a seguinte: após o estabelecimento do trunfo, uma voz em naipe lateral ao nível 4 ou 5 constitui um BWE quando:

- o controle desse naipe *já tenha sido previamente anunciado*;

ou

- a voz seja dada *em salto* (desde que não seja necessária como *splinter*).

Suponhamos, por exemplo, uma sequência iniciada classicamente com 1♥-3♥ (convite). Se um rebid imediato de 4♠ não fôr, para o par, um *splinter* normal (e eu acho que a este nível *não deve sê-lo*), então faz todo o sentido usá-lo como BWE a ♠. (O mesmo se aplica, e por maioria de razão, aos rebides imediatos de 5♣ e 5♦).

Em relação à primeira situação sugerida na regra, repare-se que ela se traduz em *prescindir* de anunciar *controles repetidos* (pelo próprio jogador ou pelo parceiro), o que pode certamente ir contra os hábitos estabelecidos e obrigar a uma certa inflexão no *estilo* do leilão de cheleme. Por exemplo, após 1♠-3♠-4♣-4♦, e supondo que o par adopta um esquema de anúncio de controles *indistintamente à primeira ou à segunda*, qual é o significado de 5♣? Classicamente, seria um controle *à primeira* a ♣, “suplicando” ao parceiro por um *controlezito* a ♥ para a marcação do cheleme. Mas não é essa mensagem já transmitida, nesta sequência, marcando simplesmente 4♠? O parceiro *ouviu* a voz de 4♣

e sabe que não andamos a anunciar controles para passar o tempo, pelo que tem a *obrigação* de continuar o leilão se tiver o controle em falta (♥ neste caso). Dentro deste *estilo*, a voz de 5♣ fica “livre” para ser especificamente usada como BWE a ♣, o que, em minha opinião, é deveras mais útil para uma boa investigação de cheleme.

6. Espaço precisa-se.

Não censuro quem, ao ler algumas das ideias aqui propostas ou reproduzidas, não consiga evitar um sorriso entre a condescendência benévola e a incredulidade. Em particular no que concerne às interrogativas *após o Blackwood*, está-se para aqui a prometer “mundos e fundos” como se houvesse espaço em abundância para todas estas perguntas e respostas. Abertamente concedo que, salvo algumas sequências miraculosamente económicas, espaço, espaço mesmo ... não há!

Mas *não era tão bom* que o houvesse? Ora, a verdade é que **podemos criar mais espaço**. Trata-se de aproveitar o mais racionalmente possível o espaço de que dispomos, ou seja, aplicar ao máximo aquilo a que Jeff Rubens já há largos anos chamou, numa notável série de artigos saídos no “The Bridge World”, o *princípio do espaço útil* (“*the useful space principle*”).

As sugestões que têm sido apresentadas correspondem, estou convencido, a melhoramentos significativos do leilão de cheleme relativamente ao sistema clássico, e podem ser facilmente incorporadas em qualquer sistema. Na parte remanescente deste artigo irei “recuar” no leilão para zonas mais básicas da preparação do cheleme, apresentando e discutindo algumas ideias que poderão, nalguns casos, significar alterações mais radicais dentro do sistema adoptado.

7. Criar espaço para o cheleme.

Como foi referido na primeira parte desta artigo, para dispormos de margem de manobra para uma boa investigação de cheleme necessitamos de “criar espaço”. Só assim será possível tirar bom partido do arsenal de interrogativas de cheleme que aqui foram analisadas (dama de trunfo, reis exteriores, naipes laterais).

Num sistema clássico, há algum **desaproveitamento de espaço** que começa no próprio modo como o leilão de cheleme é iniciado, passando pela maneira como é feito o anúncio de controles e culminando na existência de um Blackwood (BW) ao nível fixo e pouco económico de 4ST. Há diversas abordagens possíveis para rectificar esta situação, que têm em comum o objectivo específico de “trazer o BW mais para baixo”.

8. Kickback.

Uma ideia surgida há alguns anos nos Estados Unidos e baptizada de *Kickback* consiste em adoptar como BW a voz *imediatamente acima de 4 no trunfo*. Dito de outro modo, o BW localiza-se em:

4♦	com trunfo a ♣
4♥	com trunfo a ♦
4♠	com trunfo a ♥
4ST	com trunfo a ♠ (caso em que o esquema não difere do clássico).

Neste esquema, a voz de 4ST substitui (nos três primeiros casos) a voz de controle do naipe utilizado como BW; isto é, 4ST mostra, conforme o caso, controle a ♦/♥/♠. A ideia tem mérito, mas não deve ser adoptada sem terem sido colocadas e *respondidas* algumas questões que a mesma levanta, como:

- Onde é que vai parar o BW quando se inicia um anúncio de controles ultrapassando o nível do *Kickback*?
- E se a voz de *Kickback* não estiver disponível, por poder ser necessária como sugestão natural de contrato (caso de 4♥ com trunfo ♦)?

Alguns jogadores de competição adoptam o *Kickback* apenas quando o trunfo é ♥, preferindo, em relação aos naipes menores, adoptar o Blackwood em 4 no trunfo, como referido no ponto seguinte.



9. Blackwood em 4 em menor.

Uma outra ideia, já bastante generalizada entre os jogadores de competição, é aplicável apenas (infelizmente) aos casos de trunfo em naipe menor. A chave está em que a voz de **4 no trunfo menor** pode *muitas vezes* ser utilizada como BW (o que decorre obviamente do facto de a mesma não constituir marcação de partida, ao contrário do que sucede com os maiores).

É necessário ter presente, no entanto, que há também muitas situações em que a voz de 4 em menor é uma voz de *desistência*. Em leilão a dois, isso ocorre normalmente em sequências de investigação de 3ST, nas quais, sendo diagnosticada a inexistência de pega num determinado naipe lateral, um dos jogadores é forçado a fazer um *sign-off* em 4 no trunfo. Claro que, numa parceria de bom nível, é fundamental estar bem estabelecida a distinção entre uma voz de *desistência de partida* e uma voz de *cheleme*, e isto independentemente de esta última ser um BW ou meramente um convite a cheleme (forcing a partida, em todo o caso). Assumindo que esta distinção está feita, podemos estabelecer como regra que, *após o estabelecimento de trunfo em naipe menor*, a voz de 4 no trunfo serve de BW desde que não seja necessária como voz de desistência.

Nesta perspectiva, o jogador que tem nas mãos a decisão de iniciar o leilão de cheleme dispõe de duas alternativas: colocar directamente o BW em 4 no trunfo (quando não precisar de investigar controles, ou não estiver para isso...), *ou* entrar pela via do anúncio de controles, tendo presente que neste caso, se o nível de 4 no trunfo for ultrapassado, o BW já tem que voltar a ser classicamente colocado em 4ST. (Mas nada impede que, após anúncio de controles *abaixo* de 4 no trunfo, esta voz se mantenha disponível como BW económico).

Se o trunfo ainda não tiver sido estabelecido, a situação pode não ser clara. Em certos casos, a própria voz de 4 no trunfo pode, sem ambiguidades, servir simultaneamente para estabelecer o trunfo e para pôr o BW (por exemplo, numa sequência simples como 1♣-1♥-2♣-4♣). Mas, noutros casos, a voz de 4 no menor pode ser a única voz disponível para mostrar o fit, e é claro que nessa situação ela tem que significar meramente uma intenção de cheleme nesse trunfo, desencadeando um processo clássico de anúncio de controles. Isto ocorre, nomeadamente, quando ainda há mais do que um naipe como trunfo possível, como no leilão 1♣-1♥-3♣-3♥-3ST: o respondente, que ainda não limitou a sua mão, pode querer ir para cheleme em ♣ ou em ♥, devendo neste caso a voz de 4♣ significar meramente “vamos para cheleme em ♣” e as outras vozes (excepto 4♥, não forcing) serem controles auto-estabelecendo o trunfo ♥.

Ter também presentes os casos em que a voz de 4 em menor sirva para acabar de descrever um bicolor pronunciado, deixando ainda ao parceiro a escolha entre naipes de trunfo. Por exemplo, no leilão 1♦-1♠-3♣-3ST-4♣, o abridor descreveu um forte bicolor menor completo; a voz de 4♣ *não estabelece trunfo*: o parceiro ainda pode manifestar uma preferência por ♦ (anunciando 4♦) ou aceitar o trunfo ♣ (com as outras vozes disponíveis).

10. 3ST como voz de cheleme.

Após o estabelecimento de um apoio forcing em naipe *menor*, a voz de 3ST constitui uma sugestão natural de contrato, traduzindo de um modo geral uma *desistência*, ou pelo menos um *desencorajamento*, relativamente à prossecução do leilão de cheleme. A questão é muito menos clara quando se trata de um fit em naipe *maior*. Efectivamente, após um *convite a cheleme* em maior, tem pouco interesse sugerir imediatamente 3ST como contrato final (o mesmo não se aplica a uma sequência “meramente” forcing de partida: todos sabemos que em pares +430 bate +420, e que, em qualquer forma de bridge, uma partida que cumpre é melhor que uma que falha). Assim sendo, faz todo o sentido pretender utilizar esta voz com algum significado específico *mais útil* no contexto de uma sequência de convite a cheleme.

O “*Serious 3NT*” é uma convenção, surgida já há um bom número de anos, que se baseia em, após um apoio forcing em 3 em maior, usar 3ST artificialmente para mostrar uma mão com verdadeiro interesse por cheleme, enquanto o anúncio de um controle mostra uma mão menos interessante. Esta distinção é muito importante, e como tal a convenção é muito meritória. No entanto, a verdade é que a tendência hoje em dia é para usar uma versão invertida (a que poderíamos chamar o “*Not Serious 3NT*”), em que

3ST é usado para mostrar uma mão desinteressante para o cheleme e o anúncio de um controle é que mostra uma boa mão. Esta versão, que recomendo, tem a vantagem de não se ter chegado a mostrar gratuitamente um controle quando face a uma mão desinteressante o parceiro opta por desistir do cheleme.

Usar a voz de 3ST artificialmente para mostrar uma mão sem interesse por cheleme representa uma melhoria assinalável relativamente à desistência clássica em 4 no trunfo, porque mantém baixo o nível do leilão, o que permite ao parceiro, quando fez o convite a cheleme com valores em reserva e intenção de continuar mesmo face a um mínimo, prosseguir o leilão sem ter perdido o espaço para investigação de controles. Pode argumentar-se que, se ele tem essa mão “forte demais” para desistir perante um mínimo do parceiro, não deveria ter feito um *convite*, mas sim “arrancado” directamente sem perguntar a opinião a ninguém. Mas isto não é verdade, pelo menos por duas razões: (a) a voz de *convite a cheleme* (normalmente em 3 no trunfo) pode ser a *única* do sistema que permita estabelecer *sem ambiguidades* o naipe de trunfo e a intenção de cheleme; (b) pode haver interesse em averiguar a zona de força do parceiro (dentro do já prometido) para permitir *balizar* melhor, *a priori*, o nível de contrato ambicionado (pequeno ou grande cheleme, nomeadamente).

Desde que se tenha decidido adoptar 3ST como voz artificial (com um dos significados acima ou outro do género), há uma pequena técnica que, no caso do trunfo ♥, permite restabelecer a “igualdade” do leilão (relativamente ao trunfo ♠). Trata-se de *permutar* o significado das vozes de 3♠ e 3ST, passando a primeira a ter o significado (artificial) que se tinha adoptado para 3ST (“*serious*” ou “*not serious*”) e sendo a segunda usada para mostrar o *controle a* ♠ (que normalmente seria mostrado em 3♠). Esta permuta (que pode ser generalizada, em muitos casos, às vozes de ♠ e ST a outros níveis, em sequências de fit a ♥) tem neste caso a vantagem de não obrigar a mostrar o controle a ♠ ao nível pouco económico de 4♠. Por outro lado, não é difícil de fixar como regra que, sobre um convite a cheleme em 3♥/3♠, a *primeira voz* (3♠/3ST) é usada artificialmente com o sentido que tiver sido adoptado, sendo as restantes vozes usadas como controles (3ST-4♣-4♦/4♣-4♦-4♥).

11. Ambiguidade dos controles após fit em menor.

A ideia atrás exposta pode ser aplicada também a sequências de fit em menor, mas há uma precaução a ter neste caso. Trata-se do “velho” problema de uma voz ao nível 3 em naipe lateral, após fit em naipe menor, não poder *a priori* ser considerada inequivocamente como um controle. Por vezes, poderá ser apenas uma localização de força (não necessariamente ás ou rei), ou em certos casos uma voz interrogativa do tipo “4ª cor”, investigando 3ST. Uma boa regra a seguir neste tipo de situação é considerar que nenhuma destas vozes garante um controle à primeira ou à segunda *enquanto não se ultrapassar o nível de 3ST*; se um jogador ultrapassa este nível, tornando manifesta a intenção de investigar o cheleme, então já as vozes que previamente tenha dado ao nível 3 se revelam, *a posteriori*, como verdadeiros controles; o mesmo não se aplica, no entanto, a eventuais vozes dadas *pelo parceiro*, pois elas podem ter sido dadas sem intenção de cheleme.

Vejamos um exemplo: após 1♣-1♠-2♦-3♦ (fit forcing), o abridor dá 3♥ e o respondente dá 3♠. Até aqui, estas duas vozes são ambíguas, a menos de algum entendimento específico de sistema; 3♥ pode ser uma “4ª cor” interrogativa; 3♠ pode ser um “compasso de espera” na procura do melhor contrato, com uma mão sem boa pega a ♥, eventualmente sugerindo um bom naipe de ♠. Em todo o caso, ninguém pode afirmar sem margem para dúvida que alguma dessas vozes garanta controle do naipe.

Suponhamos que o abridor continua com 4♣. Torna-se assim inequívoca, da sua parte, uma intenção de cheleme, e em consequência fica esclarecido que 3♥ era *mesmo* um controle.

Mas suponhamos agora que o abridor dá 3ST sobre 3♠, e é o respondente que continua com 4♣. Neste caso, é este último que torna patente o interesse por cheleme (mesmo sobre uma *desistência* do parceiro), revelando-se a voz de 3♠ como um anúncio verdadeiro de controle.

12. O anti-controle.

Voltemos a considerar uma sequência de fit forcing em 3♠, mas em que agora o primeiro controle é anunciado em 4♦. Continuando a assumir um esquema de anúncio de controles *indistintamente* à

primeira ou à segunda, a voz de 4♦ nega explicitamente o controle a ♣. Neste contexto, qual o significado a atribuir a uma continuação em 4♥? Agora já não faz muito sentido considerá-la como um controle natural a ♥, pois, se o parceiro nos mostra o controle a ♦ e o nega a ♣, só interessa mostrar o controle a ♥ *se também tivermos o controle a ♣*, e nesse caso devemos pôr imediatamente o BW (em 4ST). O caso interessante é se tivermos o controle a ♣ *mas não a ♥*, e é precisamente para isso que deve ser usada a voz de 4♥. Como efectivamente ela acaba por ser uma interrogativa de controle no naipe anunciado, este tipo de voz foi baptizada de *anti-controle* pelos já citados Jais-Lebel. No exemplo citado, o parceiro concluirá em 4♠ sem o controle a ♥, ou colocará o BW com ele.

13. Que fazer com este espaço?

As ideias enunciadas nos vários pontos anteriores consubstanciam a intenção de economizar níveis do leilão, permitindo colocar o BW a nível mais baixo. Uma pergunta natural que se coloca é: quando, graças a qualquer das técnicas sugeridas (ou outra), conseguimos a “proeza” de baixar o BW para um nível económico (abaixo de 4ST), para que fim podem ser usadas as vozes acima desse nível (exceptuando obviamente a desistência em partida no naipe de trunfo)?

Até certo ponto, esta questão já foi respondida. Uma voz em naipe lateral a este nível (acima do nível que ficou disponível para ser o BW) pode, visto que todos os controles já foram anunciados, ser considerada um *Blackwood de exclusão* (BWE = BW com chicana: v. ponto 5). No entanto, é claro que há vozes que não podem ter esta interpretação, por corresponderem a naipes em que o jogador não pode ter chicana (por ter anunciado o naipe, ou por ter mostrado uma mão balanceada).

14. Lidar com as interferências.

Os exemplos apresentados apenas dizem respeito a sequências de leilão a dois, i.e., sem interferência adversária. Embora nada impeça que, com os devidos ajustamentos, as ideias adoptadas sejam generalizáveis aos leilões em que ocorre alguma interferência, parece-me recomendável que se adopte nessas situações um leilão *clássico* (BW sempre em 4ST, 3ST sempre natural, controles naturais mesmo pelo nível 5 acima, etc.), a menos de discussão prévia e aprofundada no seio do par.

Outro tipo de problema para o qual um par deve estar preparado é o das interferências que surgem *tardiamente* sobre uma sequência de cheleme. Há várias situações a considerar, com características muito distintas.

14.1. O adversário dobra um controle.

Esta é uma situação já amplamente tratada na literatura bridgística. Um esquema popular consiste em *passar* sem controle do naipe, *redobrar* com controle à primeira e *prosseguir o leilão normal* com controle à segunda. Não pretendo defender particularmente este ou outro esquema (o importante é que no seio do par haja um entendimento bem estabelecido), mas parece-me interessante referir o seguinte: a maior prioridade nesta situação é esclarecer se o controle do naipe que o adversário dobrou *está ou não garantido*, i.e., se não se corre o risco de, principalmente depois do dobre, uma saída a esse naipe se traduzir em duas perdas imediatas. Esse risco só existe quando o controle anunciado tiver sido um controle de *rei não acompanhado da dama*. Sendo assim, um aspecto que deve ser tido em conta pelo jogador colocado a seguir ao dobre é que basta-lhe ter *a dama* para *solidificar* um eventual controle de “rei pendurado” que o parceiro possa ter.

14.2. O adversário dobra um Blackwood ou qualquer voz subsequente.

Quando o BW é em 4ST, só muito raramente alguém terá a ousadia de dobrar uma voz correspondente a um contrato com forte probabilidade de ser redobrado e cumprido. O mesmo já não se passa quando o BW calhar num qualquer naipe lateral; aí, os dobres começam a surgir mais facilmente, e temos que estar preparados para os receber. De igual modo, são múltiplas as possibilidades que o adversário tem de aplicar um dobre indicativo sobre uma resposta ao BW, ou sobre qualquer interrogativa subsequente (dama, reis, ...) ou respectiva resposta.

O dobre proporciona *duas vozes extra*: o passe e o redobre. A minha recomendação é que essas vozes sejam *aproveitadas* como níveis adicionais. Efectivamente, se temos o objectivo de *criar espaço* para permitir dar lugar às interrogativas necessárias para a investigação do cheleme, porque não tirar partido dos dois níveis extra que nos são oferecidos de mão beijada?

Pode pensar-se que o *redobre* seria necessário como sugestão natural de jogar o contrato redobrado. Sinceramente, a minha opinião é que se esqueça por completo essa “miragem” de cumprir um contrato redobrado ao nível cinco ou seis num naipe lateral, por várias razões: (a) os raríssimos casos de sucesso não compensariam os casos de desastre; (b) quando se tiver a mão-surpresa que iria permitir cumprir esse contrato, o parceiro não acredita e opta por fugir para um porto mais seguro; (c) o adversário *geralmente* sabe o que anda a fazer, e, de qualquer modo, *viver perigosamente não é bom para os nervos*.

Deste modo, se por exemplo após uma sequência 1♠-4♠-4ST-5♣ o adversário se lembra de dobrar, as vozes possíveis do abridor serão:

passe = pergunta pela dama de trunfo
 redobre = pergunta de reis exteriores
 5♦/5♥/5ST = perguntas directas sobre os naipes de ♣/♦/♥ (ordem natural).

(Note-se que em resposta a uma interrogativa feita por *passe*, o 1º nível é o *redobre*, sem que, mais uma vez, ele tenha qualquer coisa a ver com a intenção de redobrar o contrato).

14.3. O adversário intervém em naipe sobre o Blackwood.

Há dois esquemas já clássicos para lidar com esta situação, dependendo do nível da intervenção relativamente ao nível de cinco no trunfo. (Existem também esquemas *inversos* dos apresentados, mas estes são os mais populares).

Se a intervenção for *abaixo* de cinco no trunfo, pode usar-se um esquema como o DOPI:

dobre = 0 ou 3 chaves
 passe = 1 ou 4 chaves
 1º nível acima da intervenção = 2 chaves sem dama
 2º nível acima da intervenção = 2 chaves com dama.

Se a intervenção for *acima* de cinco no trunfo, o que impede de utilizar qualquer voz acima (excepto o passe e redobre) sem ficar obrigado ao nível do cheleme, é preferível usar um esquema mais ambíguo como o DEPO (*double even, pass odd*):

dobre = número *par* de chaves
 passe = número *ímpar* de chaves.

Em qualquer dos casos, o parceiro pode optar por *passar* ao dobre, ou por dobrar punitivamente sobre um passe. As outras vozes são, por níveis, as restantes interrogativas normais.

Pode perguntar-se se a adopção destes esquemas não confere uma grande *impunidade* ao adversário, já que não se dispõe de um dobre imediato com significado *punitivo*. Até certo ponto isso é verdade, não obstante as possibilidades atrás mencionadas. De qualquer modo, *quando há espaço suficiente*, não é disparatado reservar a voz de dobre como *punitiva*, e utilizar apenas o *passe* como a primeira das vozes normais de resposta em número de chaves. Assim, o jogador que dobra a intervenção não está a

esclarecer o número de chaves que tem, mas do próprio facto de ele sugerir dobrar o contrato adversário (por oposição a marcar o cheleme) pode inferir-se que esse número será o mínimo expectável em função do leilão anterior. O que é preciso definir rigorosamente é quando é que há “espaço suficiente” para o efeito pretendido. Uma regra possível é: sempre que a intervenção não exceda o segundo nível abaixo de 5 no trunfo, por forma a que as 3 primeiras vozes disponíveis (fora o dobre, ou seja: o *passé* e os dois níveis imediatos) permitam anunciar o número de chaves em 30-41 sem se ficar obrigado ao nível de cheleme.